

# PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO E FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR : PROGRAMA DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO E CRÉDITO

Adão Carlos dos Santos<sup>1</sup>  
Dirceu Basso<sup>2</sup>  
Iara Aquino Henn<sup>3</sup>  
Luiza Maria da Silva Rodrigues<sup>4</sup>  
Nadia Scariot<sup>5</sup>

**Resumo:** A Possibilidade de se construir uma prática educativa que garanta a participação do sujeito em todo o processo educativo, desde a constituição dos conteúdos programáticos até a sua atuação junto ao espaço de suas relações, se constituiu o objetivo maior do Programa dos Agentes de desenvolvimento e Crédito. A proposta do Programa, através de uma metodologia participativa, permite aos agricultores e agricultoras familiares atuarem em três espaços considerados importantes em suas vidas: a Unidade de Produção e Vida Familiar –UPVF -, a Comunidade e a Cooperativa/Entidade, ao mesmo tempo em que torna possível dar conta de grandes temas que cercam o seu cotidiano: Agricultura Familiar, Cooperativismo Solidário, Desenvolvimento, Agroecologia, Crédito, Relações Sociais e Culturais, entre outros.

**Palavras Chave:** Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito, Agricultura Familiar.

## 1.INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais e as organizações populares, como resultado de suas reflexões e lutas nos anos 1980 e 1990, contribuíram na construção do Cooperativismo de Crédito Rural com Interação Solidária, contrapondo a falta de crédito para a Agricultura Familiar. Nesse contexto nasceu o Sistema Cresol, que tem como missão “o fortalecimento e o estímulo da interação solidária entre os agricultores e agricultoras familiares, através do crédito e da apropriação do conhecimento, visando o desenvolvimento local e sustentável”. (CENTRAL CRESOL BASER, 2003, p.03).

---

<sup>1</sup> Diretor Presidente do INFOCOS, acadêmico do Curso de Pós Graduação em Gestão do Cooperativismo Solidário, UNIOESTE. *E.mail: adão@cresol.com.br*

<sup>2</sup> Assessor do INFOCOS, Doutorando em Desenvolvimento Rural - PGDR (UFRGS). *basso@cresol.com.br*;

<sup>3</sup> Doutoranda em Antropologia Social Misiones – Argentina. *iarahenn@hotmail.com*

<sup>4</sup> Economista Doméstica, Especialista em Movimentos Sociais e Desenvolvimento (UNIOESTE) Assessora do INFOCOS. *E.mail luiza@infocos.org.br*

<sup>5</sup> Socióloga, Mestre em Educação, Coordenadora Pedagógica INFOCOS. *nadia@infocos.org.br*

Essa trajetória do cooperativismo Solidário, que em 2006 comemorou dez anos de existência, tem sido marcada por constantes processos de (re)construções e pelo fortalecimento de um outro jeito de fazer cooperativismo, reafirmando princípios como a interação solidária, o controle social, a autogestão, a sustentabilidade financeira e social, articulados por meio de organização em rede.

O Programa de Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito foi uma destas marcas que surgiu com a necessidade de fortalecer a ação das cooperativas junto ao quadro social, melhorando a participação dos agricultores e agricultoras familiares perante as cooperativas e suas Unidades de Produção e Vida Familiar (UPVF). Ele parte da premissa de que os agricultores e as agricultoras podem ser sujeitos ativos da construção de seus projetos de vida e, conseqüentemente, dos projetos das cooperativas e demais entidades da Agricultura Familiar, visando um outro desenvolvimento a partir de suas necessidades e expectativas.

O Agente Comunitário de Desenvolvimento e Crédito são o agricultor e a agricultora familiar da comunidade, que assumem o compromisso de aproximar comunidade e a cooperativa, como um elo, potencializando as demandas e debates nestes espaços. Ainda, exerce a função de gerar e ser referência em nível local de sua unidade de produção e vida familiar, na área do uso do crédito, da produção, da transformação, da comercialização, da gestão e da organização social. Para isso, por meio de processos de formação e de outras práticas de reflexão e vivências, o programa tem a missão de construir e consolidar ações relacionadas às três principais espaços sociais da vida dos agricultores e das agricultoras familiares, que são: a Unidade de Produção e Vida Familiar (UPVF), a Comunidade e a Cooperativa/Entidades.

A participação dos associados e das associadas nas cooperativas e nas demais entidades é uma forma de promover o controle social e a autogestão dos processos. Essa dinâmica valoriza as relações de parcerias, fortalecendo a cooperação, a democracia e a participação dos atores, enquanto construção de redes sociais solidárias.

### 1.1.OBJETIVOS DO PROGRAMA

O Programa de Agentes Comunitários surgiu em 1999(CENTRAL CRESOL BASER, 2004, p.06). Após este período, alguns objetivos, no decorrer da estruturação do programa, foram (re)afirmados, outros amadurecidos e outros foram surgindo, como resultado das reflexões coletivas nos diversos momentos de formação.

Nesta perspectiva os objetivos atuais do programa são:

- Contribuir no debate dos processos de desenvolvimento da Agricultura Familiar, problematizando, o uso do crédito e das micro-finanças dentro dos projetos de vida das famílias e comunidades;
- Motivar e viabilizar condições para a participação dos associados na gestão (política, administrativa e operacional) das cooperativas e entidades, somando-se às relações de parcerias em vista da cooperação, da democracia, da participação, enquanto prática coletiva de fortalecimento da Agricultura Familiar e do controle social sobre as entidades;
- Potencializar a formação de lideranças comunitárias, valorizando as experiências e saberes locais, gerando outras formas de organização na UPVVF, na comunidade e na cooperativa e entidades.
- Fortalecer a Assistência Técnica e Extensão rural (ATER)<sup>6</sup> institucional, por meio da organização e da (re)construção dos projetos de vida das famílias, propondo ações nas áreas de produção, agroindustrialização, comercialização, a partir de uma matriz produtiva sustentável (orgânica-agroecológica), visando promover referências capazes de gerar debates e iniciativas entre os diversos agricultores familiares, cooperativas e entidades.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Dentre os espaços que o Agente atua, a **UPVVF** é o que está mais próximo. É onde situa suas experiências de vida, de organização do trabalho, a convivência entre as demais pessoas da família e as relações com o entorno. A UPVVF é o espaço de referência onde se concretiza ações decorrentes das reflexões, estudos, debates e planejamentos dos projetos de vida. Nela é que visualizamos a diferença na (re)organização na perspectiva da agroecologia ou produção orgânica. Essa é uma dinâmica de troca, pois o que se faz nesse micro espaço, transborda para os outros espaços (macros) da comunidade, município e região, assim como traz para dentro de si elementos externos importantes. Nas cooperativas e entidades, são realizados encontros, nos quais refletem sobre suas necessidades enquanto categoria social: agricultores familiares. Ali travam debates, lutas e criam movimentos pela conquista de políticas públicas ou privadas, para garantir sua permanência no meio rural.

Desta forma, a metodologia do Programa se constitui pelos seguintes momentos:

1) Socializando: Em que os participantes socializam os conhecimentos adquiridos nos momentos anteriores;

---

<sup>6</sup> Assistência Técnica e Extensão Rural.

2) **Problematizando:** Momento de refletir sobre as questões relacionadas ao eixo de estudo, convidados a repensar os significados das ações desenvolvidas no cotidiano;

3) **Interagindo:** Momento de debate entre os educandos em que é possível confrontar os conhecimentos e experiências de vida com os saberes apresentados pelo tema;

4) **Pesquisando:** Momento de aproximação das experiências, colocando em prática a maneira participativa e coletiva de aprender, por meio de seminários, oficinas, intercâmbios, reuniões, cursos, etc.

O Programa dos Agentes promove encontros mensais nos municípios, para, por meio de material didático, estudar, debater e desenvolver suas atividades. O conteúdo programático é construído com a ampla participação dos agentes, cabendo a coordenação pedagógica do INFOCOS<sup>7</sup> a sistematização e organização dos materiais didáticos.

A proposta que sustenta os processos de formação no programa dos agentes é organizada com base na Pedagogia da Alternância, pois a mesma vem sendo trabalhada em experiências significativas de educação do campo, nas entidades e nos movimentos sociais como alternativa para superar as práticas fragmentadas e desconectadas da realidade social das pessoas e dos grupos. É uma das formas de educação encontradas que une os conhecimentos situados nas experiências de vida à reflexão e tem como compromisso gerar alternativas nos projetos de vida dos agricultores e das agricultoras.

A pedagogia da alternância possibilita aos sujeitos tempos alternados (tempo estudo/tempo comunidade) e espaços distintos para as (re)construções necessárias, respeitando os diferentes ritmos de conhecimento e valorizando as experiências em curso. Contudo, a construção dos Projetos de Vida, forma a base do processo de estudos e ações no programa dos agentes.

As dinâmicas de formação são um suporte ao programa, por meio de estudos, pesquisas, seminários, intercâmbios, oficinas e planejamentos com os diversos segmentos. Também a organização de materiais pedagógicos que atendam as necessidades e as expectativas dos atores. Esta dinâmica, por meio do Infocos, é planejada em conjunto com os coordenadores e as coordenadoras, os diretores, as diretoras, os técnicos e as técnicas das Bases Regionais e Cooperativas para viabilizar e potencializar a formação dos agentes que estão nas diversas comunidades.

---

<sup>7</sup> Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário, constituído em 2006 para organizar e implementar as ações de educação cooperativa, nas cooperativas de Economia Solidária. Ver site: <http://WWW.infocos.org.br>.

A proposta metodológica a ser trabalhada no programa dos agentes é pela construção do projeto de vida e, à medida que vai avançando por meio dos estudos dos eixos e das chaves de leitura, vai se ampliando, incorporando diversos elementos, inclusive de outros espaços como: das cooperativas, de outras entidades, das comunidades, dos municípios e das regiões.

Ao formular um projeto de vida, a pessoa torna-se capaz de superar a lógica de organização das ações e dos pensamentos fragmentados, descontínuos e subordinados, frutos da pedagogia predominante no corrente processo social. O movimento de construção do projeto desafia a pessoa a construir sínteses provisórias que se tornam interligadas na relação entre o estudo, a elaboração, o trabalho na UPVF e a reflexão coletiva. Neste sentido, a elaboração do projeto permite “pegar na mão” a lógica de trabalho da família, da cooperativa e das comunidades. O projeto de vida constitui-se, portanto, a partir do estudo da realidade que implica diretamente o trabalho e permite relacioná-lo com o contexto mais amplo. Do ponto de vista educativo, ser capaz de construir um projeto de vida constitui-se numa forma de pensar (método) sobre a realidade, que articula fazer e pensar identificando limites e potencialidades nos processos de trabalho e suas implicações sobre a vida das pessoas da família e da comunidade.

Faz-se necessário que o agente durante os processos de formação se constitua como sujeito reflexivo sob seu projeto de vida e consiga (re)planejar sua UPVF, para torná-la referência na perspectiva do alternativo, da organização e da produção sustentável (primando pela produção orgânica ou agroecológica). Sendo assim, tornar-se uma referência na comunidade e nos processos em desenvolvimento na cooperativa ou entidades, e desta forma ampliar e articular junto aos atores da agricultura familiar outros projetos de crédito, estratégias de ATER e de comercialização, políticas públicas, educação, saúde, lazer, moradia, entre outros.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1. OS SUJEITOS ENVOLVIDOS: DOS ATORES**

Diante do amplo universo entre os atores e os espaços, os quais abrangem o programa dos agentes faz-se necessário uma rede de trabalho e formação. Nessa dinâmica, cada ator envolvido assume papéis diferenciados, mas complementares, ou seja, assumem coletivamente as responsabilidades numa lógica de ajuda mútua e solidariedade.

Além da rede formada pelas Cooperativas Singulares, Bases Regionais de Serviço e Central Cre\$ol Baser e Infocos, serão imprescindíveis para a viabilidade do trabalho, as parcerias locais com os demais atores envolvidos e comprometidos com a Agricultura Familiar, com o papel de contribuir na organização, na formação das lideranças e nos referenciais organizativos e produtivos.

O Agente Comunitário de Desenvolvimento e Crédito é um ator que atua diretamente, na UPVF, na cooperativa ou entidades e na comunidade. É um animador, uma liderança, um articulador e uma referência. É a pessoa que anima processos, debates, conversas e estudos sobre a organização, o cooperativismo de interação solidário, o desenvolvimento, a sustentabilidade e a agroecologia na lógica da Agricultura Familiar.

O desafio do trabalho do agente nas três esferas (Unidade de Produção e Vida Familiar, cooperativa e entidades, comunidade, município e região) está no fato de promover alternativas de vida e organização na Agricultura Familiar. Os trabalhos dos agentes não podem ficar presos a aspectos do crédito e da produção, mas também agregar elementos da educação, da moradia, da geração de renda, do ambiente, da organização, entre outros.

Vale (re)afirmar também que o agente está em constante formação, e seus conhecimentos sempre em (re)construção para articular momentos interativos entre cooperativas, organizações, agricultores e agricultoras e informar processos e ações importantes entre a cooperativa e entidades e os associados e as associadas. O agente é o ator que está mais próximo dos agricultores e das agricultoras e, com isso, terá condições para apontar as necessidades, os problemas a serem superados nas comunidades e nas UPVFs, articulando reuniões, debates e estudos que a cooperativa ou entidades poderão estar organizando.

O coordenador e a coordenadora dos agentes é uma pessoa que vive o cotidiano da cooperativa, sendo assim, pode ser alguém integrada aos conselhos da cooperativa ou das entidades, com trajetória de participação e formação nas práticas da agricultura familiar, na defesa de um modelo de desenvolvimento sustentável e um incentivador de processos agroecológicos.

O trabalho do coordenador e da coordenadora consiste na articulação e organização dos processos de formação junto às Cooperativas e entidades, Bases Regionais, Central Cre\$ol Baser e Infocos. Entre as ações, que esse ator ajuda a desencadear, está o acompanhamento ao desenvolvimento do trabalho dos agentes nas comunidades e na organização da formação a partir de estudos, pesquisas e planejamentos. O compromisso da coordenação é integrar processos e articular com os agentes as ações nas unidades de

produção e vida familiar UPVFs, no âmbito das cooperativas, das entidades, dos sindicatos, das associações integrando e articulando esses espaços nas comunidades, nos municípios, nas regiões. Essa articulação consiste na construção de projetos de desenvolvimento e políticas públicas para a agricultura familiar por meio de fóruns, conselhos das entidades e do poder público, entre outros.

O coordenador e a coordenadora como uma pessoa que é parte da cooperativa terá o papel de problematizar, propor e contribuir na superação dos limites encontrados nos grupos e nas comunidades. Ser um animador de processos educativos e comunitários pressupõe que os atores estejam interligados e participando dos debates e das ações da Agricultura Familiar.

O técnico ou a técnica da cooperativa tem o papel de assessorar junto aos coordenadores e coordenadoras o trabalho de articulação e consolidação das unidades de referência na lógica dos projetos de vida, assim como, nos processos de formação.

O diretor e a diretora da cooperativa têm o papel de apoiar, participar e fortalecer ações de articulação e formação realizadas no programa dos agentes, integrando-os na gestão das cooperativas e nas outras instâncias organizativas da agricultura familiar nos municípios e na região, entre outros espaços. Tendo em vista, que o trabalho dos agentes contribui na consolidação da democracia, no controle social, na gestão participativa, sendo geradora de outras posturas e práticas sociais de desenvolvimento na Agricultura Familiar.

### 3.2. DOS ESPAÇOS

A Unidade de Produção e Vida Familiar (UPVF) é o espaço do agente, onde situa suas “experiências” de vida, de organização do trabalho, a convivência entre as demais pessoas da família e as relações com o entorno. Porém, essa dinâmica não se restringe ao espaço geográfico determinado, mas acontece na interface com as relações e experiências da comunidade, das organizações, da região, entre outros espaços. A UPVF do agente é constituída pelas pessoas que ali moram e que direta ou indiretamente estão em sintonia com o trabalho a ser desencadeado pelo ACDC na relação com outros atores. A UPVF é o espaço de referência onde se concretiza ações decorrentes das reflexões, estudos, debates e planejamentos dos projetos de vida. Nela é que visualizamos a diferença na (re)organização na perspectiva da agroecologia ou produção orgânica. Essa é uma dinâmica de troca pois, o que se faz nesse micro espaço transborda para os outros espaços (macros) da comunidade, município e região, assim como traz para dentro de si elementos externos importantes (re)construções que ali acontecem.

Nas Cooperativas e entidades o trabalho é constituído por um coordenador ou uma coordenadora do programa dos agentes, o diretor, a diretora, os técnicos e as técnicas com a participação das entidades parceiras locais. A esses atores cabe o papel de articular o processo de formação e de organização, em vista de projetos da Agricultura Familiar, debatidos e consolidados, participando dos fóruns, dos conselhos, do orçamento participativo, tanto em nível de municípios quanto regiões, estado e país. Também é de responsabilidade da cooperativa pautar assuntos da cooperativa nas reuniões, agendar visitas e intercâmbios para conhecer e estimular outras práticas, articular dias de campo e experimentos, aproximar os agentes do processo de gestão da cooperativa, fornecer suporte e capacitação em nível de unidades produtivas, subsidiar por meio de ajudas de custo o trabalho dos agentes, realizar encontros com as comunidades articulados com os agentes, propor encaminhamentos das ações, entre outras atividades.

Nas Bases Regionais de Serviço o trabalho é constituído por um coordenador ou uma coordenadora de formação, o técnico e a técnica com a participação do diretor e da diretora de formação da Base, para articular e promover encontros periódicos para debate, construção e formação dos coordenadores e das coordenadoras do programa nas cooperativas, bem como, o acompanhamento local nas agendas das cooperativas. A Base Regional será responsável por pensar e desenvolver diretrizes de trabalhos regionais, articulando parcerias, fazendo planejamento regional, disponibilizando instrumentos metodológicos e de infra-estrutura junto às cooperativas com os coordenadores e as coordenadoras do programa.

A Base Regional é quem mais fortemente articula as parcerias regionais e proporciona as condições (estrutura) para o trabalho dos agentes, de modo a estimular, acompanhar, animar e articular as ações entre as entidades nos municípios e nas regiões. As parcerias viabilizadas se inserem contribuindo com suas especificidades no desenvolvimento do programa. Isso acontece de forma direta na execução de demandas locais, na assessoria dos processos formativos e organizativos, nos trabalhos nas áreas da produção, transformação e comercialização.

A Central Cre\$ol Baser e o Infocos são responsáveis pela organização e fortalecimento do programa nas Bases Regionais, sendo articuladores e promotores do programa de formação juntamente com as Bases Regionais e as cooperativas. Têm o compromisso de promover momentos de formação contínuos com os coordenadores e as coordenadoras dos agentes, bem como, a elaboração de materiais de estudo e a sistematização das experiências. Esse é um trabalho coletivo junto às Bases Regionais, no qual ambos têm a responsabilidade de

promover espaços e tempos de participação e a construção coletiva da formação, inclusive no planejamento de formação e ação dos agentes.

A articulação dos trabalhos em diversas instâncias - unidade de produção e vida familiar, comunidade, cooperativas, municípios, Bases Regionais e a Central configura um trabalho em rede. O desafio de coordenar e dar andamento num trabalho em rede está na participação nos diferentes processos de formação e no fortalecimento das ações planejadas nos grupos de debates e estudos, cada qual assumindo seus compromissos e tarefas. A atuação da coordenação na perspectiva do trabalho comunitário acontecerá em momentos coletivos, nos quais cada ator debate e constrói, responsabiliza-se e avalia os trabalhos como um todo. Assim, um mínimo de acordos coletivos são necessários no trabalho com os agentes, respeitando as especificidades e as diversas realidades.

Essa dinâmica vai desde a (re)construção dos projetos de vida, das unidades de produção e vida familiar, nas ações das comunidades, na vida das cooperativas e nas políticas públicas que poderão ser construídas com a sociedade.

### 3.3. DOS EIXOS E DOS DIFERENTES ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

Os eixos de trabalho e estudo do Programa de Formação dos Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito são entendidos como os grandes temas que fundamentam todas as ações a serem trabalhadas no Programa. Ao olhar os três espaços de atuação do agente (UPVF, comunidade e cooperativa), identificam-se três eixos para o programa, por compreendermos que os agentes atuam frente a um cenário amplo da Agricultura Familiar, do Cooperativismo Solidário, do Desenvolvimento, da Agroecologia, do Crédito, das Relações Sociais e Culturais.

#### EIXO 01 - AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO:

Durante o processo de “modernização” conservadora do campo brasileiro, a Agricultura Familiar se caracterizou por um segmento social de resistência ao “moderno”, sendo considerada, por alguns segmentos da sociedade como atrasada, ou seja, sem condições de se inserir nos padrões de produtividade e tecnologias avançadas. Porém, os segmentos da Agricultura Familiar excluídos, ao mesmo tempo em que resistem, também se desafiam a construir alternativas de um outro modelo de desenvolvimento, por meio de sua própria organização social.

Neste sentido, surgem várias formas organizativas, como as ONGs, o sindicalismo, o associativismo e o cooperativismo, com princípios e diretrizes próprios, baseados na solidariedade, na democratização do conhecimento e na construção de políticas públicas específicas para a Agricultura Familiar. Nessa perspectiva, se fortalece uma visão de que as organizações são fundamentais para viabilizar condições e ampliar reflexões e articulações em torno do papel da Agricultura Familiar e de suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade. A partir dessas diretrizes o cooperativismo solidário, seja na área do crédito, da produção, da transformação, da comercialização, do trabalho e da ATER, contribui na constituição de redes sociais solidárias capazes de promover o empoderamento dos agricultores e das agricultoras familiares.

O objetivo desse eixo é problematizar o contexto, as condições, os desafios e as possibilidades em que os agricultores e as agricultoras familiares estão inseridos e, como esses elementos incidem na dinâmica dos projetos de vida; aprofundar a reflexão em torno da construção e gestão do cooperativismo solidário enquanto ferramentas para a construção de um outro desenvolvimento da e para a agricultura familiar.

#### **EIXO 02 - DESENVOLVIMENTO, AGROECOLOGIA E CRÉDITO:**

O desenvolvimento é entendido como processo capaz de gerar outras iniciativas construídas pelos agricultores e pelas agricultoras familiares. Nessa dinâmica faz-se importante o cuidado com o ambiente, a inclusão social, a cidadania e as proposições econômicas viáveis e sustentáveis ambientalmente, dentro de processos em médio e longo prazo e em todas as diferentes dimensões da vida: trabalho, relações sociais, educação, moradia, lazer, saúde, crédito, entre outros.

O crédito como uma das ferramentas de desenvolvimento nos coloca no desafio de pensá-lo sob um viés sustentável, a partir da articulação com outras políticas de ação no campo da produção, da agroindustrialização, da comercialização, da assistência técnica e extensão rural, da educação formal e informal, da articulação com políticas públicas, de outros segmentos cooperativos e/ou organizativos, entre outras.

#### **EIXO 03 - RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS:**

Por relações sociais compreendemos todas as práticas vivenciadas por pessoas e grupos na sociedade, tanto no que se refere as classes sociais, quanto as categorias, os grupos, as associações, as entidades e os movimentos. A dinâmica que acontece na convivência entre esses atores se caracteriza por relações de poder. Contudo, está implicado nas relações sociais

o poder, tomado não apenas como o exercício de algumas pessoas ou instituições sobre outras. Para Foucault (1995, p. 242-245), as relações de poder é o exercício entre sujeitos livres que circulam em diversos espaços, nos quais todas as pessoas exercem de alguma forma. Ao contrário, essas relações se caracterizam por práticas de subordinação, de dominação ou de exploração.

#### **4. CONCLUSÕES**

A proposta do Programa de Agentes não fica restrita a atuação dos mesmos apenas junto à cooperativa na qual ele é associado.

Durante todo o Programa, os agentes são instrumentalizados para atuar como liderança comunitária, seja da cooperativa, associação, sindicato, igrejas, etc. A razão maior de uma experiência cooperativa sempre permitirá processos educativos que resultem em melhores condições de vida ao conjunto dos agricultores familiares.

Após dois anos de trabalho baseados nesta proposta metodológica de formação para Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito, sabemos que ainda é um Programa de Formação que muito pode acrescentar à vida de centenas de agricultores e agricultoras familiares. A atuação dos mesmos junto as UPVFs encontra-se em desenvolvimento e alguns já conseguiram constituir-se como referências, potencializando as atividades para os vizinhos de sua comunidade. Outros ainda, tem despertado para a atuação junto as cooperativas/entidades tornando-se diretores, colaborando efetivamente na gestão destas.

Atualmente participam aproximadamente 990<sup>8</sup> agricultores e agricultoras familiares, que já se constituem como lideranças capazes de colaborar em debates, organizações e propor um desenvolvimento sustentável para a agricultura familiar.

O programa encaminha-se para seu último ano de intensidade formativa. Após este período, os então agentes comunitários, participarão de outros espaços formativos, mas não mais como integrantes do programa, e, sim, como lideranças constituídas que mantiveram um processo de reconstrução de seus conhecimentos.

O tempo de duração do programa completo é de três anos de formação, sendo que, esse processo desencadeia na formação de lideranças, no fortalecimento da gestão e na consolidação das unidades de referência.

---

<sup>8</sup> Agricultores familiares integrantes de 64 cooperativas singulares

Com esse tempo de formação e atuação no programa, se fortalece a identidade de um agricultor e de uma agricultora com um notório saber, de que continuará sendo uma liderança nos diversos espaços da agricultura familiar.

Como o Programa de Agentes é uma política institucional das Cooperativas de Crédito do Sistema CRESOL Baser, há a possibilidade de que outros agricultores e agricultoras participem deste processo de formação, sendo então um recomeço, para os agentes e para a coordenação pedagógica, que realizará então novas construções de conteúdos programáticos e estudos sobre a proposta metodológica.

## 5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O capital social dos territórios**: repensando o desenvolvimento rural. Economia Aplicada. Volume 4, nº 2, abril/junho, 2000 no prelo Recebido em julho de 1999, aceito em março de 2000

ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (Orgs). **Reconstruindo a agricultura**: Idéias e ideais do Desenvolvimento Rural Sustentável. 2o edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. 33 54 p.

CENTRAL CRESOL BASER. **Curso de Formação de Coordenadores de Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Credito do Sistema Cre\$ol**. Memória do Momento I. Francisco Beltrão, dezembro, 2004. 165 p.

\_\_\_\_\_. **Regimento Interno**: Sistema Cre\$ol de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária. Francisco Beltrão, março, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.